

Livres das Correntes? A imagem do trabalho das mulheres em Londres entre 1900-1920

Deborah Thom*

Tradução: Simone Geraldes e
Heloisa de Faria Cruz**

Historiadores de Londres encantaram-se com a riqueza de material ilustrativo que o desenvolvimento da fotografia trouxe para o estudo da vida urbana. Da mesma forma, reagiram os historiadores das mulheres. Mas enquanto ambos argumentavam que era necessário muito cuidado na interpretação das fotografias (“Quem tirou esta foto e por quê?”), muito pouco era dito sobre os efeitos das representações pictoriais. O tipo existente de fotografias de mulheres trabalhadoras já tinha ajudado a construir uma imagem da mulher trabalhadora. Nos últimos vinte anos do século XIX¹, as mulheres já haviam sido retratadas e seus trabalhos tidos tanto como exóticos como uma espécie de problema social. As fotografias dramatizaram o sentido de descoberta característico da pesquisa social do final da era vitoriana. Este ensaio é uma tentativa de recuperar o impacto das representações das mulheres trabalhadoras forjadas antes e durante a 1ª Guerra Mundial – uma imagem parcialmente construída pelas fotografias de registro de guerra. Ele também examina a contribuição de Londres para a construção dessa imagem. Londres dominou o comentário social no início do século XX. Esse foi

* Membro do Robison College em Cambridge. Pesquisadora senior da Faculdade de Ciências Sociais e Políticas. Artigo publicado em Feldman, David e Stedman Jones, Gareth (eds.). *Metropolis. London. Histories and representations since 1800*. London e Nova York, Routledge, 1989.

** Departamento de História da PUC-SP.

1 As mudanças dentro do campo da fotografia foram cuidadosamente analisadas por Dyos, J. e Wolff (eds.). *The victorian city*, 1973; Hiley, M. *Seeing through photographs*, 1983; e Bradan, S. *Committing photography*, 1983, entre outros. Agradeço a Ângela John, cujo trabalho sobre as marcas que as mulheres apresentavam em seus rostos fez com que eu observasse as fotografias sob um outro ângulo (*By the sweat of their Brow*, 1980), e com quem o diálogo trouxe grandes benefícios. Também gostaria de agradecer a Nigel Wheale, que discutiu o tema. Desde o início, o livro foi baseado em coleções de fotografias do Museu Imperial de Guerra e o de Condell, D. e Liddiard, J. *Working for victory? Images of women in the First World War*, 1987, algumas das quais deram suporte aos meus argumentos e sobre quais desenvolvi a crítica.

o período no qual os jornais nacionais de massa começaram a explorar a fotografia segundo interesses das campanhas pela reforma social e no qual a mudança tecnológica produziu câmaras portáteis usáveis em quaisquer condições de iluminação.

As idéias sobre mulheres trabalhadoras nesse período mudaram, assim como as representações visuais e verbais. A imagem não era mais aquela de um certo número de mulheres que trabalhavam porque eram pobres ou desamparadas. Agora, era uma imagem na qual todo o trabalho de mulheres era aquele das frágeis e indefesas. A mulher trabalhadora era, paradigmaticamente, o trabalhador explorado. Esta se tornou uma imagem congelada, que se perpetuou através das mudanças da 1ª Guerra Mundial e das que vieram depois dela. A persistência dessa imagem teve profundas conseqüências para a política social, organização de sindicatos e para própria autocompreensão da mulher trabalhadora. A partir dela surgiram importantes considerações a respeito de salários, organização coletiva e vida familiar – considerações que foram concretizadas na legislação e em práticas. Mas, antes de se examinar a produção e os efeitos dessas imagens, deve-se expor o contexto em que foram produzidas, analisando as pesquisas sociais e as organizações de trabalhadoras, das quais se originaram. Este ensaio discutirá a situação dessas mulheres trabalhadoras, o grupo que as representava e os dois temas de campanha então enfocados: exploração e maternidade. Assim, as ações e representações serão descritas e estabelecidas em torno das mudanças da 1ª Guerra Mundial.

Nos anos seguintes a 1900, desenvolveu-se uma nova forma de representação de mulheres trabalhadoras. Elas não eram mais a sobrevivência interessante dos velhos tempos. Elas estavam se tornando um símbolo do presente inaceitável, um novo motivo de preocupação; e os objetos mais fotografados de tal preocupação seriam encontrados na capital. As condições das mulheres trabalhadoras de Londres eram cada vez mais usadas como uma metonímia para a condição do operariado feminino, ignorando todas as variações locais e considerações sobre o mercado de trabalho. É claro que o repertório de imagens da mulher trabalhadora não era apenas fotográfico. Embora as longas análises governamentais sobre o trabalho feminino repousassem em épocas passadas, a exigência pela exclusão de mulheres de certos ofícios, que as incitaram, permanecia uma questão viva.² Elas continuavam trabalhando com produtos químicos perigosos e sofrendo de problemas ginecológicos, que, vistos como resultantes de seus empregos, estimulavam o interesse dos reformistas.³ O novo fator em discussão no início da década

- 2 Lewis, J. *Women in England*. Brighton, 1984; e bibliografia de fontes contemporâneas em Vicinus, M. (ed.). *Suffer and be still*. Bloomington, Ind, 1973, pp. 193-4.
- 3 Mess, H. A. *Factory legislation*, 1923; Hutchins, B. L. *Women's work in modern industry*, 1915; Anderson, A. *Women's in the factory*, 1922; todos descrevem a necessidade de intervenção governamental; Lewenhak, S. *Women in the trade unions*, 1977.

de 1900 foi o crescimento das organizações de mulheres, que começavam a se estabelecer em Londres. Essas organizações faziam campanhas baseadas principalmente em questões sobre as necessidades sociais gerais, relacionadas às mulheres enquanto seres sociais, mães e filhas, ao invés de voltarem-se para os interesses específicos de trabalhadoras em certas profissões. Mesmo na mais poderosa imagem que a maioria das pessoas tinha da organização das mulheres londrinas no final do século XIX – a união das moças de Bryant & May e sua greve de 1888 – o tema imagético que mais atraiu imaginação do público foi a pobreza lastimável, o vestuário simples e a visível necessidade dessas mulheres.⁴ Aqui está a evidência da reprovação de um sistema industrial que deixou a mulher psicologicamente desprotegida contra a letal doença industrial e a exploração. As mulheres trabalhadoras representavam forças que, se ampliadas ou aceleradas, poderiam produzir danos sociais. Essa greve permaneceu como uma imagem bastante isolada do poder latente dessas mulheres até que, dez ou vinte anos mais tarde, se construísem organizações que representavam a mulher trabalhadora; mas ela se estabeleceu como referência nas lutas posteriores para organizar as mulheres na indústria.

O *Fabian Women's Group* foi o mais organizado desses grupos. Ele era pequeno e funcionava primordialmente como um fórum para discussão e apresentações de descobertas de pesquisa. Seus membros se viam como um corpo de propaganda, e o eram, pelo menos para as mulheres, com base em Londres. Elas não faziam parte do pequeno número de sócios operários da *Fabian Society*. As organizações eram sustentadas pelo dinheiro da família dessas trabalhadoras, como esposas e filhas, e por aquelas poucas de profissões de classe média, como o jornalismo, que possibilitava a independência familiar⁵. Outros grupos incluíam o *Women's Industrial Council*, que possuía alguns membros em comum com os Fabianos e produziam tantos informes quanto o *Fabian Women's Group*, assim como um jornal de campanha, *The Women's Industrial News*⁶. As organizações sindicais das mulheres – a *Women's Trade Union League* e a *National Federation of Women Workers* – localizavam-se em Londres (em 1903 e 1906), no mesmo escritório e com o mesmo corpo administrativo. A *Women's Trade Union League* existia há muitos anos, mas foi revitalizada com a indicação de Mary Macarthur, filha de um proprietário de loja, que entrou para o trabalho sindical através da Asso-

4 Stafford, A. *A match to fire the Thames*, 1961; foi parcialmente tão bem divulgado porque mulheres que trabalhavam na produção de estopins levaram seu caso para a Fleet Street, conseguindo, assim, o apoio de Annie Besant e dos jornais em campanha.

5 A introdução de S. Alexander na reedição de um dos seus panfletos fornece um bom resumo sobre o grupo: Pember Reeves, M. *Round about a pound a week*, 1979 (publicado pela primeira vez em 1911).

6 Mappen, E. *Helping women at work*, 1985.

ciação das Balconistas da Escócia, como secretária geral. Ela foi atraída para o sul por Margaret Bondfield da *Shop Assistant's Union* e Gertrude Tuckwell, Presidente da *Women's Trade Union League*, para ajudar a reanimar o sindicalismo feminino. A WTUL deveria encorajar o sindicalismo entre as mulheres em geral. A NFWW foi criada em 1906 pela WTUL para garantir a presença de sindicatos em locais onde os existentes não respondessem às demandas da organização sindical das mulheres, ou em locais onde os sindicatos não admitiam mulheres, dessa forma era proposta como uma associação geral baseada no sexo. Elas também publicavam dois periódicos: *The Women's Trade' Union Review* (de 1891 a 1919), e *The Woman Worker* (de 1915 a 1920)⁷. A localização em Londres e a concentração de trabalhadoras londrinas não era acidental. Entre os legisladores, um crescente interesse pela reforma social era perceptível, e as transformações das condições de trabalho das mulheres eram vistas como o ponto essencial da reforma. Entre as organizações de mulheres, o movimento em relação ao *lobbying* parlamentar estava também em progresso. Tal movimento visava, particularmente, os membros do parlamento capazes de propor e formular reformas de interesse das trabalhadoras. Essas organizações, com base em Londres, concentravam-se na ação por mudanças legislativas muito mais que na organização em locais de produção.⁸

Existiam duas preocupações compartilhadas por todas estas organizações: a primeira era a campanha contra a exploração intensiva; a segunda, a organização das mulheres trabalhadoras em defesa própria. A exploração é melhor definida à maneira dos contemporâneos. Tratava-se do trabalho que não era feito nas fábricas; que não era protegido por órgãos do governo ou representações sindicais; que não proporcionava um salário justo. Ele era não feito apenas pelas mulheres; nem todo o trabalho feminino baseava-se na exploração intensiva⁹. A exploração era identificada como o próprio demônio por vários grupos de pressão na década de 1880, e a Comissão do Comitê da Câmara dos Lordes sobre a Exploração concluíra que certas condições de trabalho,

7 Hamilton, M. A. *Macarthur, Mary. A biographical sketch*, 1925; Bondfield, M. *A life's work*, 1951.

8 Embora Mary Macarthur se descrevesse como uma "Tolstoyan" (Woodward, K. *Queen Mary*, 1927, p. 190), ela não compartilhava das políticas sindicais que a descrição implica, e sua política de "esquerda" estava mais relacionada à luta pelo *welfare* do que à militância industrial. Veja Thom, D. *The bundle of sticks*. In: John, A. (ed.). *Unequal opportunities*. Oxford, 1986. Veja também Webb, C. *The woman with a basket*, 1927. A única organização nacional para o operariado feminino que não possuía suas bases em Londres era a Associação Cooperativa das Mulheres. Mas seu principal interesse era a organização das donas de casa da classe operária.

9 Existe uma extensa discussão a respeito da exploração em Schmiechen, J. *Sweated industries and sweated labor*, 1984; Morris, J. *The characteristics of sweating: late nineteenth-century London and the tailoring trade*, e Mappen, E. *Strategists for change: social feminist approaches to women's work*; John (ed.), op. cit.

geralmente associadas a condições de exploração, deveriam ser erradicadas através do registro dos trabalhadores e da subordinação dos locais do trabalho à inspeção sanitária.¹⁰ Isso foi ineficaz, porque os trabalhadores não eram organizados o suficiente para garantir a supervisão. Foi nessa situação que a agitação das organizações de trabalhadoras da indústria começou o processo de resgate dessas profissões do círculo vicioso de baixos salários e da ausência de organização sindical. Essas organizações tinham poucas sócias, mas seus representantes se aliaram aos reformistas liberais e a alguns sindicalistas homens para formar a Liga Antiexploração. Esta era a principal força na agitação por um salário mínimo, que retiraria tais profissões da marginalidade em que se encontravam. Seu efeito principal foi trazer a público a questão dos baixos salários, especialmente dos baixos salários das mulheres.¹¹

A Liga Antiexploração dividiu as premissas com a *Women's Trade Union League* e com a *National Federation of Women Workers* na Mecklenburgh Square, próximo ao apartamento de Mary Macarthur, sua principal organizadora.¹² Macarthur tinha uma ligação valiosa com o editor do liberal *Daily News* e foi o patrocínio do jornal para a exposição de fotografias contra a exploração, em 1906, que levou à formação da liga¹³. A exposição foi preparada por George Shann, um organizador pago pela *Worker's Union* que estava começando uma ampla ação de organização entre trabalhadores explorados, principalmente no setor governamental.¹⁴ O catálogo de exposição, escrito por Richard Mudie-Smith e a reprodução das fotos no *Daily News* chocou a polida sociedade. O mais notável artifício de propaganda usado por Macarthur foi seu trabalho de detetive seguindo os rastros das trabalhadoras exploradas das manufaturas de roupas de bebê. Ela quase perdeu a vida quando uma dessas fábricas foi infestada pela difteria, e as roupas de bebês tornaram-se perigosas mesmo para as crianças privilegiadas que as vestiram. Esse aspecto da exposição trouxe vantagens ambíguas para as trabalhadoras. O trabalho feminino aparecia como uma doença, que podia ser contraída, assim como um problema social lamentável.¹⁵ Outras questões levantadas por militantes antiexploração tenderam para a mesma direção. Trabalhadores que produziam artigos de luxo –

10 Schmiechen, J., op. cit., p. 140.

11 Sells, D. M. *The british trade board system*, 1923.

12 Veja nota nº 5

13 Schmiechen, J., op. cit., p. 180.

14 Hyman, R. *The worker's union*. Oxford, 1971.

15 Cole, M. *Women of today*, 1938, pp. 109-10; Hamilton, M. A. op. cit., p. 66; *The cry of the woman work*. Penny Pictorial, citado in *ibid.*, pp. 109-10.

bolas de tênis, flores artificiais, chapéus, bordados, brinquedos – foram todos representados no *Women's Industrial News* como sujeitos a superexploração. Esse tipo de trabalho era atacado não apenas por produzir supérfluos, mas também porque causava danos à saúde da mulher – e à saúde da sociedade –, tanto pelos encargos impostos à maternidade como pela decorrente redução dos salários dos homens. Preocupações com o emprego eram frequentemente usadas para manifestar ansiedades gerais em relação à saúde social.¹⁶ As garçonetes representavam um caso em que o Estado era incitado a usar poderes de regulamentação geral para lidar com questões da sexualidade, que emergiam do trabalho, porque elas eram especialmente vistas tanto como correndo riscos morais quanto como os provocando, já que estavam em contato permanente com ambas as tentações: homens e bebida. Em 1910-11, o *Women's Industrial Council* dedicou espaço considerável às discussões a respeito das garçonetes. Parece razoável supor que algumas das discussões refletiam preocupações especiais pelas mulheres cujo trabalho envolvesse a diversão dos homens. Finalmente, o Estado foi também chamado a lidar com o perigo para a maternidade, tanto no sentido do controle dos danos das condições de trabalho na saúde física das mulheres quanto em relação a aspectos que afetavam a capacidade dessas mães de cuidar das crianças. As mulheres estavam trabalhando, geralmente em suas próprias casas, quando deveriam estar cuidando de seus filhos.¹⁷

Como resultado dessa ênfase na exploração, assumida pelas organizações representantes das mulheres trabalhadoras, a exploração tornou-se sinônimo de trabalho de mulheres. Tal equação está clara no trabalho de Edward Cadbury – um de seus livros sobre exploração – intitulado *Women's work and wages* mas também está implícita nos livros de B. L. Hutchins e Clementina Black, *Woman in modern industry* e *Married women's work*. Assim, o tipo de investigação sobre o emprego das mulheres, que se tornou proeminente nesse momento, implicava que tal trabalho era problemático, que deveria, se possível, ser alterado em suas bases estruturais e também que estas mudanças estavam além da capacidade das próprias trabalhadoras. Trabalhadoras exploradas eram trabalhadoras indefesas e, portanto, podiam assumir papel pouco significativo na erradicação do sistema de exploração. Uma das principais mudanças estruturais, proposta por comentaristas e reformistas, era que o Estado deveria intervir para acabar com a

16 Stearns, P. N. *Victorian working women*. In: Vicinus, M. (ed.), op. cit; Lewis, L. *Women in England*. Brighton, 1984. Por exemplo, os inquéritos de 1906 da Junta de Profissões sobre os salários e da Comissão Real sobre fadiga no trabalho de 1907 pareciam mais ligados às mulheres do que a pesquisas semelhantes realizadas no passado.

17 Lewis, J. "The working-class mother and state intervention". In: Lewis, J. (ed.). *Labour and love*. Oxford, 1986, pp. 99-120.

exploração, desempenhando um papel ativo no controle do trabalho das mulheres em geral. Essa intervenção não era vista como necessária no trabalho dos homens, que eram considerados capazes de se organizarem de forma eficaz. O gênero, portanto, estava sendo considerado a principal distinção de diferentes grupos de trabalhadores em manifestação por condições de trabalho e, em proporções menores, nas lutas por equiparação de níveis salariais.

Qual o papel das fotografias nessa ênfase sobre a fragilidade das trabalhadoras exploradas para reagirem contra tal exploração? No desenvolvimento do debate seu papel foi primordial devido a sua associação com o crescente poder da imprensa nacional. Os jornais, assim como as organizações de reforma social, estavam localizados em Londres. No movimento em que os proprietários de jornais começavam a entender a centralização a Fleet Street¹⁸, a imprensa londrina estava sobrepondo-se à imprensa provinciana como formadora de opinião. Mesmo os jornais mais pobres de esquerda começavam a utilizar a evidência ilustrativa. Um novo elo entre o jornalismo e a exibição de fotos reforçou o poder das fotografias em destacar o comentário social. De uma forma original, o trabalho das mulheres foi identificado com um conjunto de imagens fotográficas – conjunto esse baseado quase que exclusivamente na experiência de trabalho em Londres. Esse foi um traço característico do catálogo da exposição de 1906. Fotografias originais do interior dos locais de trabalho dramatizaram a revelação do que antes era escondido.

As primeiras câmaras gremiais foram criadas em 1909, principalmente como resultado dessa agitação e da campanha no Parlamento de dois parlamentares, Sir Charles Dilke e J. J. Mallon. As profissões que protegiam não possuíam suas bases exclusivamente em Londres, como a exposição fotográfica e a literatura sobre *exploração* fazia supor; mas aquelas tipicamente londrinas eram profissões envolvendo principalmente mulheres empacotadoras e costureiras¹⁹. As trabalhadoras do governo também eram protegidas pelo programa de Salários Justos, de 1906, principalmente aquelas que confeccionavam uniformes em Pimlico (Westminster)²⁰. Outros grandes grupos beneficiados por essas novas medidas legislativas foram as mulheres que trabalhavam na manufatura de correntes em Birmingham, bem como aquelas que trabalhavam com metais e cerâmicas nos arredores de Black Country.

Progressivamente, as organizações de reforma social recorriam à ação de massa para dramatizar suas exigências de campanha. As mulheres estavam à frente desse

18 Uma área em Londres onde estavam localizados os jornais mais importantes.

19 Sells, D. M., op. cit., cap. 1.

20 Shepherd, E. Colston *The fixing of wages in government employment*, 1923, pp. 1-2.

processo. Uma das demonstrações nacionais de 1908 foi pelo primeiro Dia Internacional da Mulher. Os militantes da campanha pelo voto já haviam aprendido com as suas tradições no Partido Independente dos Trabalhadores a usar a imprensa, particularmente enfatizando suas manifestações. As mulheres acrescentaram um toque de pompa a muitas de suas passeatas usando trajes da época ou roupas da mesma cor, carregando bandeiras, especialmente bordadas ou pintadas para a ocasião, ou cantando canções especiais. O recurso ao espetáculo em manifestações não era novo, mas a ênfase política dada a ele o era. Muitas ações políticas eram destinadas exclusivamente a chamar a atenção da imprensa. O primeiro evento desse tipo, a grande manifestação pelo sufrágio de 1906, marcou o restabelecimento de organizações sufragistas em Londres.²¹ As mulheres da indústria participavam desses eventos em pequeno número e eram geralmente representadas por Annie Kenney, da *Women's Social and Political Union* ou por trabalhadoras anônimas da *National Union of Women's Suffrage Societies*. Em Londres, onde já eram uma presença simbólica, elas sempre eram representadas não por trabalhadoras empobrecidas, mas por “respeitáveis” moças, trabalhadoras casadas, em relação às quais as organizações de sufrágio eram geralmente ambíguas, freqüentemente argumentando que o voto erradicaria tanto o trabalho das mulheres casadas quanto a exploração.

Por outro lado, os sindicalistas e as organizações antiexploração exibiram as trabalhadoras exploradas. O grande impacto da agitação das mulheres que trabalhavam na manufatura de correntes derivou de uma passeata na qual, além de fingirem estar acorrentadas pelas mãos, penduravam também correntes pelo corpo. Essa era uma imagem profundamente perturbadora e foi reforçada por fotografias de suas casas e locais de trabalho. Em uma dessas fotos era visto um berço de criança, único indício de que as corpulentas figuras, iluminadas pelo clarão das fornalhas, eram de fato femininas. A campanha atingiu o centro da ambigüidade inerente a essas representações. Eram essas mulheres heroínas ou vítimas? É claro que para os sindicalistas, elas eram tanto heroínas quanto vítimas, mas o impacto causado por suas correntes não poderia ser simplesmente ignorado ao tentar retratar as trabalhadoras como parceiras iguais na ordem social e política. Os próprios argumentos dessas trabalhadoras sobre suas causas eram baseados na alegação de que seus trabalhos requeriam habilidade e força e eram mal remunerados. Mas seus representantes sustentavam a causa exigindo um valor mínimo de pagamento como resposta às necessidades da sociedade e reivindicações de

21 Liddington, J. e Noris, J. *One hand tied behind Us*, 1978, apresenta um bom resumo na introdução sobre as diferenças entre aqueles que atuavam em campanhas pelo sufrágio. Garner, H. *Stepping stones to liberty*, 1984, também destaca as diferenças; Mackenzie, M. *Shoulder to shoulder*, 1975, contém exemplos das manifestações e outras representações de causas políticas.

justiça social como direito de mérito dessas mulheres. As imagens mais impressionantes foram provavelmente aquelas das trabalhadoras exploradas retratadas como vítimas.²²

Tal ênfase continuou em um período de agitação industrial e de guerra entre os sexos, embora fosse desafiada por imagens de caráter mais ameaçador. Em 1911-12, o East End²³ de Londres tanto era a maior área de organização sindical quanto a principal fonte de propaganda. O *National Federation of Women Workers* aumentou seu nível de associação e ampliou sua visibilidade pública em uma série de greves – entre as operárias das fábricas de geléia, de vestuário, das empacotadoras de biscoito e de outras trabalhadoras de East End. Mary Macarthur utilizou seu considerável poder de argumentação até o limite de suas forças para transformar essas grevistas em trabalhadoras sindicalizadas.²⁴ Segundo algumas definições, elas não eram, falando-se rigorosamente, trabalhadoras exploradas, já que trabalhavam em fábricas. Elas não eram tão *representativas* quando comparadas com os grupos anteriores, porque eram da classe operária, eram mães e militantes. A imagem derivada dessa agitação foi a do desenvolvimento da noção das massas femininas – mulheres como membros de uma classe trabalhadora. Ao longo do processo, essa imagem foi reforçada pelos cine-jornais e pela brilhante manipulação da esfera pública por outras organizações de mulheres, particularmente a *Women's Social and Political Union*, nesse processo, a classe tendia a ser enfatizada. Mas essa representação se defrontava com a dominante, e logo esmoreceria novamente, quando a guerra começasse.

Tal conjunto de imagens, de qualquer modo, foi qualificado pelo interesse renovado dos reformistas na proteção da maternidade. Esse interesse pelas mães trabalhadoras foi caracterizado como “imperialismo social” e provocou muitos debates entre historiadores, particularmente, sobre o interesse dos reformistas em melhorar a “condição da raça”²⁵. Mas está claro que não havia contradição necessária entre os interesses

22 Boston, S. *BBC Television, 1977*, programa de Cradley Heath sobre as mulheres que trabalhavam na produção de correntes, foi o primeiro a alertar-me sobre a imagem poderosa dessa greve. Seu livro também contribuiu para isso; Hamilton, M. A., op. cit., p. 87.

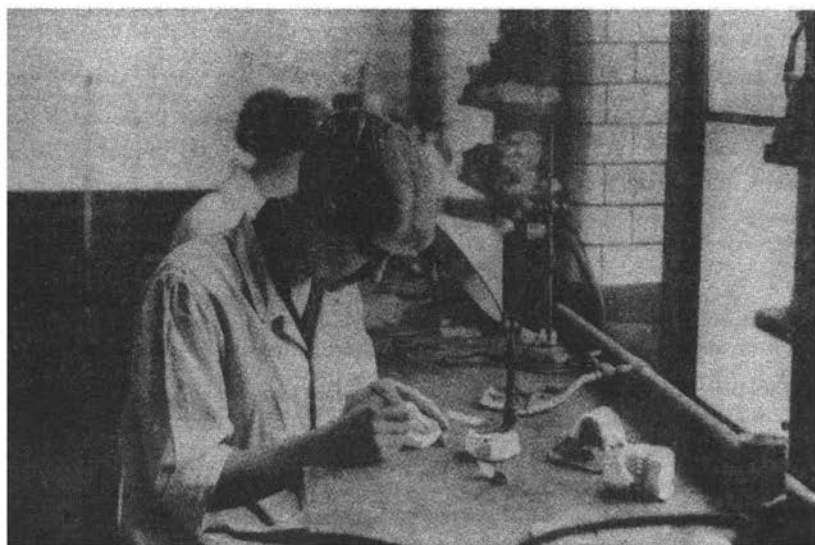
23 Quarteirões populares de Londres, situados em seu extremo leste, em posição oposta ao West End, que é o bairro elegante.

24 Hamilton, M. A., op. cit., pp. 101-7; Rowbotham, S. *Hidden from history*, 1968, foi o primeiro a direcionar-me para a centralização do sindicalismo de mulheres, da mesma forma que Mary Macarthur para as novas mulheres trabalhadoras no período anterior a guerra.

25 O debate é resumido e criticado por Dwork, D. *War is good for babies and other children*, 1986, no qual ela ataca Anna Davin, Jane Lewis e Carol Dyhouse por não verem a benevolência dos reformistas e os efeitos positivos de seus empenhos; para mim, como eu apresentei no texto, não significa que haja necessariamente alguma contradição nisso.



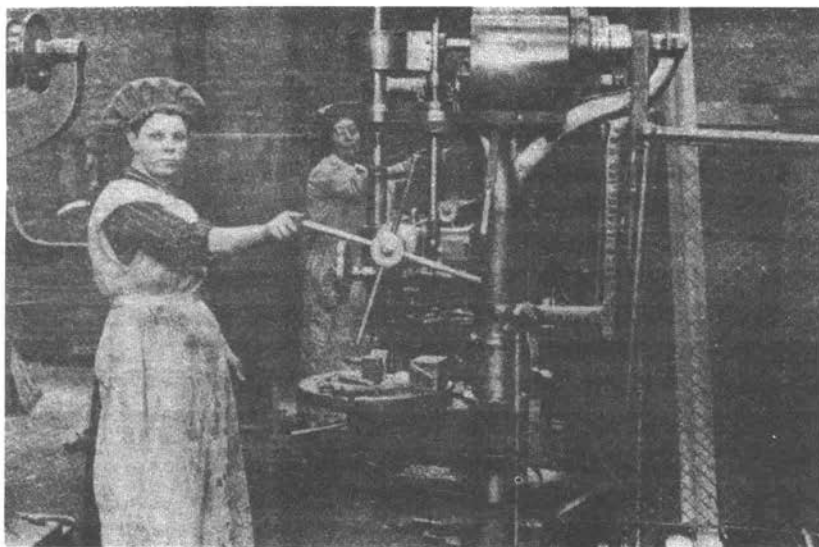
Fabricante de correntes em uma fotografia de grande circulação, 1912. (Reprodução autorizada da Coleção Gertrude Tuckwell)



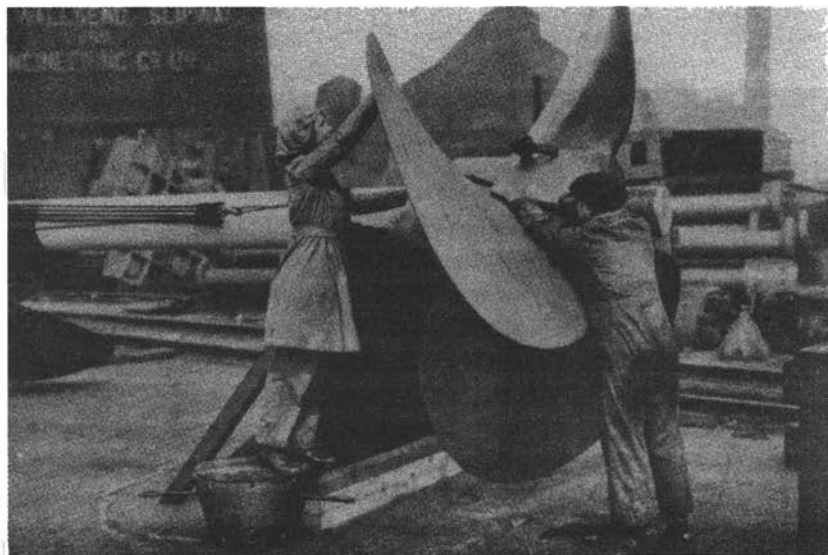
Dentistas: não como um novo trabalho, mas descrito naqueles termos. (Coleção Trabalhos de Mulheres, Ministério das Provisões, 1916. Reproduzida com a permissão da Biblioteca da Universidade, Cambridge).



Conferindo bombas, 1915: uma foto disfarçada. (Coleção Trabalhos de Mulheres, Ministério das Provisões, 1916. Reproduzida por permissão da Biblioteca da Universidade, Cambridge).



Mulheres mecânicas: outra foto disfarçada, 1915, antes da regulamentação. (Coleção Trabalhos de Mulheres, Ministério das Provisões, 1916. Reproduzida por permissão da Biblioteca da Universidade, Cambridge).



Estaleiro - trabalhando em uma hélice: a heróica mulher disfarçada, 1915. (Coleção Trabalhos de Mulheres, Ministério das Provisões, 1916. Reproduzida com a permissão da Biblioteca da Universidade, Cambridge).



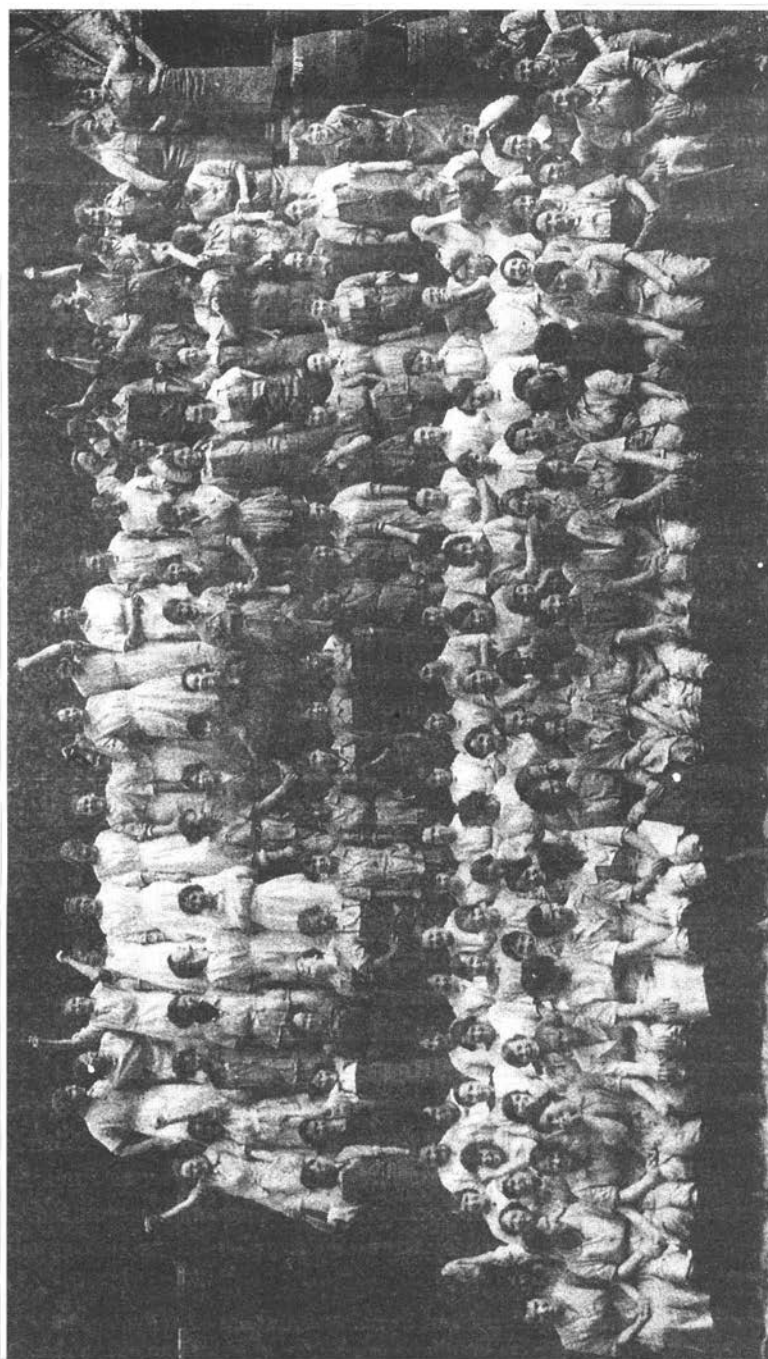
Uma mulher foguista nas fornalhas de uma grande fábrica ao sul de Londres: a exótica imagem de uma mulher de calças, 1915. (Coleção Trabalhos de Mulheres, Ministério das Provisões, 1916. Reproduzida com a permissão da Biblioteca da Universidade, Cambridge).



Um registro do que faziam as mulheres: 1918 - 19, trabalho na cervejaria. (Coleção Trabalhos de Mulheres, Museu Imperial de Guerra. Reproduzida com a permissão dos Curadores do IWM).



Grupo de trabalhadoras na sílica, 1918 - 19. (Coleção Trabalhos de Mulheres, Museu Imperial de Guerra. Reproduzida com a permissão dos Curadores do IWM).



Trabalhadoras de uma cervejaria em Londres, 1918 - 19. (Coleção Trabalhos de Mulheres, Museu Imperial de Guerra. Reproduzido com a permissão dos Curadores do IWM).

da nação imperial e aqueles das mulheres trabalhadoras, e que elas poderiam frequentemente explorar o interesse oficial para conseguir o que quisessem. O papel social da mulher era cada vez mais definido por sua virtual ou atual maternidade. Este era, especialmente, o caso das mulheres trabalhadoras. A inspiração do império manifestava-se através da noção de mulheres trabalhadoras de “Darkest England”²⁶, um recém-explorado conjunto de imagens sociais derivadas de uma analogia à exploração de “Darkest Africa”. Elas passaram a ser objeto de atenção de uma forma totalmente nova. Exposições, fotografias e reportagens foram utilizadas para torná-las visíveis, para trazer à luz o que estava oculto. Esse tipo de especulação não era novidade em Londres, mas a concentração nas mulheres o era. As mulheres, para as quais essa atenção estava totalmente voltada, eram aquelas particularmente indefesas, não apenas por causa de seus trabalhos em profissões sujeitas a superexploração, mas também porque a maternidade, em vez do trabalho assalariado, era vista como sua vocação.

Essa preocupação coincidiu com uma efervecência da auto-organização, na qual as mulheres lutaram para obter uma representação dentro do Estado e no movimento sindical. Sindicalistas eram particularmente ativos nas campanhas para proteger a saúde ginecológica: a campanha contra o chumbo foi organizada pela *Women's Trade Union League*, e os interesses estendiam-se a outros problemas relacionados aos venenos das olarias²⁷. Novamente, a ênfase estava na necessidade de proteção externa ao trabalho feminino concretizado pela ampliação do trabalho de inspeção nas fábricas e/ou de sindicalização; ambos seriam obtidos fora dos locais de trabalho e fora do círculo social das trabalhadoras, como esclarece a versão ficcional de Kathleen Woodward, *Jipping Street*, que apresenta a visão das trabalhadoras – em geral totalmente fora de suas esferas sociais – sobre o sindicato:

As mulheres nas fábricas continuavam atentas àqueles que incentivavam a revolta – os libertadores que vinham dos desconhecidos mundos da competência e do conforto – claramente vivenciando uma experiência que não era delas.²⁸

Os primeiros meses de guerra reforçaram essa imagem de mulheres indefesas e dos perigos para a maternidade resultantes do crescente desemprego em algumas profissões de mulheres, do aumento do número de bebês de guerra e das demissões de

26 Jones, G. Stedman. *Outeast London*, 1971; Keating, P. *Into unknown England*, Manchester, 1976.

27 Veja Thom, D. e Ineson, A. “Women munition workers and their poisoning”. In: Weindling, P. (ed.). *A social history of occupational health*, 1984.

28 Woodward, K. *Jipping street*, 1928, pp. 120-1.

empregadas domésticas. Poucas mulheres foram ajudadas pela Fundação Queen para o Trabalho de Mulheres criado pela Queen Mary, com o auxílio de Mary Macarthur. Macarthur revoltava-se com a quantidade de “trabalhos patrióticos” não remunerados, os quais ela chamava de “o trabalho de costura das irmãs Susie para os soldados”²⁹. A maioria das mulheres que ajudavam nesse trabalho possuía suas bases em Londres, assim como muitas das profissões cujas funções foram assumidas pelas oficinas da época de guerra. O grande número de trabalhadoras têxteis e empregadas domésticas não era reconhecido nas propagandas sobre desemprego feminino. As fotos que tipificavam o desemprego geralmente mostravam pequenos ambientes de trabalho, o que também era reproduzido nos centros da Fundação. O trabalho realizado em muitas das oficinas era para substituir os produtos antes importados das indústrias alemãs de ramos considerados supérfluos, tais como: brinquedos, flores artificiais e peles³⁰. Este foi um modo como a guerra acentuou a predominante imagem do emprego das mulheres; o outro foi ainda mais influente e mais visível.

A senhora Pankhurst e Lloyd George eram astutos usuários da mídia, demagogos e bem-sucedidos organizadores de eventos. Juntos, eles organizaram uma manifestação que fez parte das campanhas de Lloyd para a direção do Partido Liberal e de Pankhurst pelo voto. A demonstração foi originalmente chamada a marcha do “Direito das Mulheres ao Trabalho” e se tornou a marcha do “Direito a Servir”. Registros dos arquivos do Ministério de Guerra e do Departamento de Registros Públicos³¹ mostram que ela visava atrair a atenção pública e que sua organização foi extremamente cara. O objetivo desse evento extraordinário era divulgar o Registro de Guerra sobre as Mulheres e foi muito bem-sucedido em suas exibições nos dois cine-jornais mais importantes. A principal impressão era de que todo o gênero se tornara militante, desta vez em busca de uma finalidade patriótica justificável e não somente dos interesses relacionados ao sexo feminino. Joana D’Arc e outras figuras históricas femininas foram mais proeminentes nas manifestações que as mulheres trabalhadoras.³² A intenção era enfatizar a inovação e o heroísmo do serviço de guerra das mulheres, não sua continuidade. Os registros

29 *Daily Sketch*, 8 de novembro de 1915. In: Coleção de Gertrude Tuckwell no Congresso de Sindicatos.

30 Documentos parlamentares, 1914-16, XXXVI, *Interim Report of the Central Committee for Women’s Employment*. (ed.) 7848, Coleção Trabalho de Mulheres, Museu Imperial de Guerra. Pankhurst, E. S. *The home front*, 1932, p. 202, descreve seu debate com Macarthur sobre as oficinas.

31 Gabinete de Registros Públicos, MUN 5.70.26; Registros do Ministério da Guerra, 11 de agosto, 28 de agosto de 1915.

32 Cine-jornal *Topical Budget*, BFI 2140A.

foram baseados nessas noções. As mulheres não seriam recrutadas, mas se inscreveriam, como todos os homens o fizeram, logo no início da guerra. Elas se tornariam um vasto *pool* de força de trabalho. Seriam contratadas para o trabalho de guerra na manufatura de produtos escassos, especificamente aqueles ligados à engenharia. Não seria exigido habilidade ou experiência, e nenhum compromisso era assumido em relação a seus salários, horas ou condições de trabalho. Na visão dos sindicalistas, como as discussões do *Trades Union Congress* em 1915 mostram, todas essas mulheres eram vistas como trabalhadoras potencialmente sujeitas a superexploração.³³ Ou elas já eram trabalhadoras exploradas ou, como empregadas domésticas ou donas de casa, não saberiam nada sobre sindicalismo ou vida na indústria. A exploração era pensada como inerente e decorrente da condição feminina. As manifestações acentuaram tais noções enfatizando o distanciamento das mulheres do trabalho industrial como uma qualificação positiva para tal serviço ao invés de uma barreira.

Na busca governamental por novos trabalhadores para a indústria de armamentos, a fotografia colocou-se como fator complementar para convencer empregadores e empregados de que as mulheres eram capazes de preencher as lacunas na economia. O rompimento das resistências no processo de substituição de homens qualificados por trabalhadoras semiqualficadas, ou desqualificadas, dependeu particularmente do uso das fotografias. O Departamento de Guerra incumbiu fotógrafos de pesquisar e registrar novos trabalhos realizados pelas mulheres e, no Natal de 1915, publicou dois folhetos utilizando uma seleção dessas fotografias.³⁴ Essas fotografias foram depositadas no Museu Imperial de Guerra, na Coleção Trabalho de Mulheres. Algumas categorias não foram representadas nos folhetos. Mais do que se poderia esperar, grande parte das fotografias selecionadas eram de figuras individuais. Dois aspectos parecem ter sido enfatizados na seleção: a novidade das tarefas (o reparo ou a confecção de dentadura, calibragem de instrumentos, operação de torno mecânico, produção de morteiros); e imagens socialmente incomuns (a sujeira e o uso de calças compridas). A capacidade das mulheres de se encarregarem de tais tarefas em época de guerra era descrita como inusitada ou anormal. Embora Horace Nicholls (o melhor desses fotógrafos) tivesse tirado surpreendentes fotografias de grupos, formais ou informais, elas não foram reproduzidas nesses folhetos. Nem foram muito usadas pelos historiadores para ilustrar seus argumentos sobre o trabalho das mulheres em época de guerra. Em suas escolhas,

33 Thom, D. *Women's employment in war time Britain*. In: Winter, J. e Wall, R. (eds.). *The upheaval of war*. Cambridge, a ser lançado. Braybon, G. *Women workers in the first world war*, 1981, cap. 6, lida com a imagem pública das mulheres trabalhadoras.

34 Gabinete de Guerra, *Women's work on munitions e women's work in non-munitions industries*, 1916.

os historiadores preferiam a maior dramaticidade e o efeito visual de fotos individuais ou de pequenos grupos. O governo não tinha interesse em lembrar aos empregadores que as mulheres já eram trabalhadoras com atitudes e divergências próprias do movimento de trabalhadores. As mulheres foram assim representadas como trabalhadoras novatas, heróicas, motivadas unicamente pelo patriotismo. (Embutidos nesse claro objetivo propagandístico estavam também o drama geral da situação da mulher e os apelos sexuais proporcionado por jovens mulheres engajadas em atividades físicas vigorosas – tais representações condicionaram o olhar de profissionais produtores de imagens na ocasião e particularmente dos historiadores desde então.)³⁵ De forma similar, os cartazes da campanha “Substitua um homem para o front” reduziam as mulheres a unidades de trabalho uniformizadas e enfatizavam a inovação do trabalho de guerra retratando toda a substituição de trabalhadores como algo relacionado diretamente à produção de guerra.³⁶ Todas essas imagens de mulheres trabalhadoras tendiam a assumir que o trabalho, assim como o gênero, era homogêneo. A única série de fotografias notavelmente excluída desses folhetos foi aquela na qual as mulheres pareciam provincianas ou desordenadas. As trabalhadoras das cervejarias de Londres, por exemplo, eram representadas por três jovens graciosas que limpavam barris vestidas com calças compridas e não por aquelas que existiam em maior número – como as *cockneys*³⁷ – usando saias e de mãos nos quadris, as quais Nicholls fotografou nos depósitos das cervejarias.

Na verdade, o trabalho de guerra não era assim. Nem todo trabalho de guerra era trabalho com munições, mas a campanha da reorganização da economia procurou fazê-lo parecer dessa forma. Cada representante dessa campanha carregava um manual com fotografias de mulheres realizando novas tarefas; as exposições fotográficas organizadas nas principais cidades mostravam as mulheres realizando essas novas tarefas.³⁸ Em termos numéricos, a impressão causada aos contemporâneos era de que a substituição de homens por mulheres, bem como o engajamento de novas trabalhadoras na força de trabalho, era muito maior do que realmente aconteceu. O enfoque centrado em Londres contribuía para essa distorção. Todo o alvoroço das visitas reais e do jornalismo oficialmente sancionado enfocava as mulheres de Londres que trabalhavam com munições. Por exemplo, o livro de Gilbert Stone, *Women war workers*, fala apenas de um grande grupo de trabalhadoras braçais – as garotas do arsenal –; *Our girls*, de

35 Marwick, A. *Women at war*, 1976.

36 Cartaz, Museu Imperial de Guerra.

37 Pessoas de East End, geralmente de classe operária, que falam com um forte sotaque.

38 *Dilution Officer's Handbook* em minha posse.

Hall Caines, apresentava várias páginas falando sobre o mesmo grupo e foi publicado com uma página especial para a mensagem “De uma de nossas garotas para um de nossos garotos”. O cine-jornal *Topical Budget* mostra o trabalho de munição como aquele que representava o operariado feminino. Mas as estatísticas mostram a realidade sob outros aspectos. As trabalhadoras de guerra parecem ter sido engajadas tanto em trabalhos considerados femininos como em masculinos, e mais provavelmente estavam desenvolvendo trabalhos que já faziam antes da guerra. A maior expansão do emprego feminino foi no comércio ou nas indústrias, que já empregavam mulheres. Sem dúvida, mais que antes, um número maior de mulheres foi para locais de trabalho maiores – mas as fotografias não mostravam esses locais de trabalho: neles, elas apenas mostravam as mulheres trabalhando sozinhas. (O trabalho nas fábricas de munição era apresentado como exceção – e era visto como um trabalho que existiria apenas “enquanto durasse a guerra”, enfatizando, portanto, as diferenças, ao invés da continuidade das formas do trabalho fabril das mulheres.) A imagem da mulher trabalhadora na época da guerra, então e agora, é a de uma moça frágil, sozinha com uma máquina, trabalhando heroicamente e contra sua natureza, apenas enquanto a guerra durasse. Isso, aliado à impressão de novidade e diferença que o governo e os empregadores desejavam enfatizar nos relatórios sobre o trabalho das mulheres no final da guerra, condicionou o modo como justificaram o fracasso efetivo do estabelecimento de salários iguais no tempo de guerra. Vistas como incapazes de organizarem-se em defesa própria, as mulheres trabalhadoras pareciam aceitar as desigualdades de pagamento. Essa visão estava parcialmente implícita nas respostas de suas próprias organizações – que sob os mesmos moldes aumentaria o número de organizadores não pagos. Todas as mulheres eram tratadas como as trabalhadoras exploradas do período da grande agitação dos anos 1910 e 1911 em East End.

Quais eram os efeitos dessa poderosa imagem da mulher trabalhadora sobre as próprias mulheres? Elas não imaginavam seu próprio trabalho dessa forma. Claramente, elas não preservavam as heróicas figuras de guerra – mas guardavam retratos de grupo, programas gratuitos dos concertos, insígnias dos trabalhadores de guerra. Elas permaneciam em Londres como trabalhadoras, e conservavam as distinções com as quais foram para as fábricas³⁹. Mas a legislação e as regulamentações absorveram essas imagens. Os dois principais documentos oficiais, discutindo o trabalho das mulheres, os relatórios do Comitê das Mulheres da Indústria do Gabinete de Guerra e do Comitê

39 Thom, D. *The ideology of women's work in Britain, 1914-1924*, com referência especial a NFWW e outros sindicatos, tese de PhD para a CNAA na Thames Polytechnic, 1982, não publicada, apêndice 1.

Supremo do Ministério da Reconstrução⁴⁰, mantinham os supostos sobre a falta de experiência e a prioridade da maternidade que informavam a compreensão sobre o trabalho feminino antes da guerra. A experiência de guerra foi lida através desses supostos, deixando de lado outros aspectos mais específicos, como por exemplo, a surpreendente força física das operárias das estradas de ferro, a habilidade técnica das mulheres soldadoras e a capacidade das mulheres nos trabalhos de engenharia no torno mecânico. A interpretação do mercado de trabalho de Londres a respeito do trabalho feminino teve implicações sociais extremamente importantes. A continuidade do antigo paradigma nas organizações de mulheres – com exceção de militantes independentes que buscavam ampliar as bases sociais e o escopo público das questões – resultou no desconhecimento de importantes mudanças que estavam ocorrendo em relação ao trabalho feminino. Assim, as “novas profissões”, as quais estavam crescendo nos arredores de Londres às custas de mão-de-obra explorada do velho mercado de trabalho feminino, passavam despercebidas.⁴¹ Nesse processo, as fotografias foram extremamente importantes, pois elas determinavam a imagem visual da “mulher trabalhadora” no discurso público. Além de superar as velhas imagens, as fotografias sugeriam ou que a novidade era devido a guerra e, portanto reversível, ou, então, que não havia novidade. As trabalhadoras de guerra estavam simplesmente executando tarefas que lhes eram atribuídas; eram mais mulheres que trabalhadoras, trabalhadoras apenas enquanto durasse a guerra.

As imagens influenciam as pessoas. A simultaneidade da investigação de pesquisadores sociais sobre o trabalho de mulheres, utilizando imagens para acentuar suas visões, com o desenvolvimento de uma preocupação específica com o bem-estar dos londrinos, levou a distorções em relação à legislação e às formas organizativas. As mulheres tornaram-se objetos de interesse público, de modo que trouxeram profundas conseqüências para a organização da produção. Um novo enfoque centralizado nas necessidades e problemas de Londres, em parte resultante da centralização das próprias organizações de mulheres, aumentou essa distorção e fez crescer o poder da imagem. Tal imagem também influenciou profundamente a visão dos historiadores. A concentração em Londres pelo sufrágio tem sido apropriadamente muito criticada; ela enfatizava em demasia certos grupos e certas estratégias. Uma concentração semelhante sobre a mulher trabalhadora em Londres também merece críticas. Ela é tanto uma construção ideológica quanto sufragista. Um grande número de mulheres realmente trabalhou em

40 Esta asserção é baseada em entrevistas com mulheres que trabalharam na guerra, realizadas entre 1976-81.

41 Documentos Parlamentares, 1919, XXXI, *Report of the war gabinet committe on women in industry*, Cmd. 135; 1918, XIV, *Report of the hills committe* (Comitê Central de Emprego de Mulheres).

estabelecimentos que as exploravam. Elas, sem dúvida, achavam difícil ser, a mesmo tempo, mães e trabalhadoras em uma sociedade que lhes dava pouco apoio nesse processo. Mas a ênfase das fotografias distorcem a interpretação histórica sugerindo que as mudanças na vida das trabalhadoras vieram somente de fora. O que essas fotografias não revelam são todas aquelas mudanças, para melhor, alcançadas pelas mulheres trabalhadoras no início do *Welfare State*, como resultado de seus próprios esforços: as lutas sem heroísmo, não retratadas, pelo intervalo para o café, pelo sistema de bonificação, pelo fim da excessiva disciplina no trabalho, pela instituição do sistema de vales para o leite e pelas visitas periódicas a clínicas de saúde – dependentes da ação do governo e reformistas sociais – não foram travadas somente por eles.